

Cultura, turismo e desenvolvimento: os interesses constituídos nos processos sociotécnicos de uma associação de artesãos

Culture, tourism and development: the interests constituted in the sociotechnical processes of an artisans association

Cultura, turismo y desarrollo: los intereses constituidos en los procesos sociotécnicos de una asociación de artesanos

Recebido: 04/02/2022 | Revisado: 09/02/2022 | Aceito: 02/04/2022 | Publicado: 17/04/2022

Marcelo de Seixas Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9157-9550>
Universidade Federal de Itajubá, Brasil
E-mail: marcelodeseixas@outlook.com

Adilson da Silva Mello

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1966-3686>
Universidade Federal de Itajubá, Brasil
E-mail: prof.adilsonmello@gmail.com

Carlos Alberto Máximo Pimenta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2815-7512>
Universidade Federal de Itajubá, Brasil
E-mail: carlospimenta@unifei.edu.br

Resumo

Trata-se de pesquisa sobre as interfaces entre artesanato, cultura, turismo e desenvolvimento, considerando os processos sociotécnicos de uma associação de artesãos que tem a bananicultura como principal fonte de matéria prima. Objetiva-se demonstrar papéis e influências de atores humanos e não humanos na composição da rede sociotécnica, elucidando as dimensões sócio-políticas na constituição de práticas e processos organizativos, assim como suas respectivas consequências no que se refere as diferentes perspectivas de desenvolvimento, a partir do entendimento de que este não deve ser associado apenas a diretrizes econômicas. Dessa abordagem, vislumbrou-se apontar possibilidades de mudanças sociais a partir da experiência associativa artesã. A proposta teórica-metodológica se estrutura a partir dos pressupostos da Teoria Ator-Rede e da Cartografia de Controvérsias, que fornece uma bagagem capaz de elucidar como a realidade social se forma a partir da ação de atores humanos e não humanos e de demonstrar como processos de composição de uma realidade social se constitui através de interesses diversos. A pesquisa aponta para a complexidade e multidimensionalidade na composição da associação de artesãos assim como para possíveis caminhos alternativos no que se refere ao desenvolvimento de práticas e processos de produção de artefatos, quando estes são pensados para além das diretrizes estritamente econômicas.

Palavras-chave: Artesanato; Cultura; Desenvolvimento; Processos; Turismo.

Abstract

This is a research about the interfaces between handicrafts, culture, tourism and development, considering the sociotechnical processes of an artisans association that have banana culture as the main source of raw material. The goal is to demonstrate the roles and influences of human and non-human actors in the composition of the socio-technical network, elucidating the socio-political dimensions in the constitution of organizational practices and processes, as well as their respective consequences with regard to different perspectives of development, from understanding that it should not be associated only with economic guidelines. From this approach, it was envisaged to point out possibilities for social changes from the associative artisan experience. The theoretical-methodological proposal is structured from the assumptions of the Actor-Network Theory and the Cartography of Controversies, which provides a background capable of elucidating how social reality is formed from the action of human and non-human actors and to demonstrate how processes composition of a social reality is constituted through different interests. The research points to the complexity and multidimensionality in the composition of the artisans association as well as to possible alternative paths with regard to the development of artifacts production practices and processes, when these are thought beyond strictly economic guidelines.

Keywords: Crafts; Culture; Development; Processes; Tourism.

Resumen

Se trata de una investigación sobre las interfaces entre artesanía, cultura, turismo y desarrollo, considerando los procesos sociotécnicos de una asociación de artesanos que tiene el cultivo del banano como principal fuente de materia prima. El objetivo es demostrar los roles e influencias de los actores humanos y no humanos en la composición de la red sociotécnica, dilucidando las dimensiones sociopolíticas en la constitución de las prácticas y procesos organizacionales, así como sus respectivas consecuencias con respecto a las diferentes perspectivas del desarrollo, a partir de entender que éste no debe asociarse sólo a lineamientos económicos. Desde este enfoque, se previó señalar posibilidades de cambios sociales a partir de la experiencia asociativa artesanal. La propuesta teórico-metodológica se estructura a partir de los presupuestos de la Teoría del Actor-Red y de la Cartografía de las Controversias, lo que brinda un antecedente capaz de dilucidar cómo se forma la realidad social a partir de la acción de actores humanos y no humanos y de evidenciar cómo los procesos de la composición de una realidad social se constituye a través de diversos intereses. La investigación apunta a la complejidad y multidimensionalidad en la composición de la asociación de artesanos, así como posibles caminos alternativos en lo que respecta al desarrollo de prácticas y procesos de producción de artefactos, cuando estos son pensados más allá de las pautas estrictamente económicas.

Palabras clave: Artesanía; Cultura; Desarrollo; Procesos; Turismo.

1. Introdução

Trata-se de pesquisa sobre a relação desenvolvimento e tecnologias, a partir de valores culturais, realizada junto a uma associação de artesãos situada no bairro do Quilombo, no município de São Bento do Sapucaí, interior do estado de São Paulo. A discussão abrange as intersecções entre a produção local de artesanato e suas dimensões culturais, as influências da prática do turismo sobre esta atividade e as diferentes concepções de desenvolvimento.

Pressupõe-se que as instâncias artesão e artesanato, assim como as práticas e processos desenvolvidos para a produção de artefatos, devem ser compreendidas considerando o todo e não somente as partes, conforme sugerem Morin (2005a; 2005b) e Latour et al. (1997; 2012; 2016), a partir do entendimento de que a realidade social é composta por diversas dimensões e, portanto, técnicas, tecnologias, práticas e processos de produção de artefatos são parte de um contexto complexo que reverbera em diversidade, controvérsias e incertezas.

O estudo sobre a produção dos artefatos, pela perspectiva dos autores citados, considera que as diversas dimensões que compõem o fenômeno estudado devem ser respeitadas, tendo como princípio o entendimento de que o homem é um ser biológico-sociocultural e que os fatos sociais são multidimensionais, compostos, por exemplo, de aspectos culturais e econômicos que o caracterizam como controversos e complexos.

Deste ponto que a reflexão sobre os processos de composição de uma associação de artesãos, na qual estão vinculados ao desenvolvimento de técnicas e tecnologias, perpassam questões referentes ao imaginário, as relações entre o humano e o não-humano e a noção de trabalho em diferentes modos, expõe aspectos socioeconômicos e socioculturais da região e abre espaço para o seguinte questionamento: como se constitui a dimensão do artesanato no bairro do Quilombo de São Bento do Sapucaí, considerando questões referentes a dimensão do turismo e as diferentes concepções sobre desenvolvimento?

A partir da composição da prática do artesanato na comunidade, objetiva-se apreender possibilidades e papéis que possam representar mudanças sociais, no que se refere, principalmente, a práticas e processos de produção de artefatos, através de objetos técnicos e tecnológicos, das dimensões do humano, do não-humano, do material e do imaterial que emergem a partir dessa experiência.

2. Metodologia

A proposta metodológica está estruturada em pesquisa qualitativa, amparada por entrevistas com perguntas semiestruturadas e abertas. Além disso, utilizou-se de estado da arte com o intuito de compreender elementos sobre os processos que envolvem a mesma localidade através de pesquisas realizadas por outros pesquisadores.

No que se refere a pesquisa de campo, buscou-se que os atores sociais tivessem liberdade para expor seus sentimentos,

pontos de vista, sugestões e histórias sobre os saberes-fazer e as relações que perpassam o passado e presente da associação e do bairro. É necessário expor que a partir de uma abordagem aberta, revelam-se as mais íntimas impressões do pesquisador traduzidas a partir de uma visão de mundo que traz consigo influências ideológicas e culturais que tencionam o olhar e a compreensão. Segundo Venturini (2010a), uma pesquisa nunca é imparcial, os pontos de vista são um panorama das paisagens sociais e nenhuma observação pode escapar da origem.

As intervenções realizadas durante a pesquisa de campo buscaram alimentar as relações e o diálogo afim de compreender e de caminhar da forma mais natural possível às respostas que também são guias, de forma alguma pretendendo induzir a resposta ou conduzir as conversas. Buscou-se registrar a origem dos ensinamentos, como a matéria prima utilizada é adquirida, o modo de organização e de produção, enfim, o significado e o sentido da atividade e das relações que a permeiam para a vida social e cultural do indivíduo. A partir do contato inicial foi observado que a utilização de aparelhos eletrônicos para captação das conversas causaria desconforto e intimidaria os atores sociais a exporem seus sentimentos e impressões, por isso, optou-se pela transcrição das conversas em caderno de campo logo após a realização dos diálogos e a utilização do aparelho celular se restringiu a captura de imagens dos artesãos em seus processos de produção e de seus artefatos.

Após a realização das entrevistas e observações de campo, as entrevistas e os processos foram descritos. A partir dos apontamentos realizados pelos entrevistados e que puderam ser observados, buscou-se por referências a partir de outros autores que pudessem corroborar com os fatos que emergiram do campo de pesquisa. Por se tratar de aspectos que fazem referência ao passado da associação e do bairro é que se considerou necessária a realização de pesquisa bibliográfica que de alguma forma pudesse sustentar os relatos a que tivemos acesso.

Os dados obtidos foram analisados respeitando as cinco fontes de incertezas elaboradas por Latour (2012), no sentido de reagregar o social, ou seja, de reconstruí-lo por intermédio dos dados obtidos na pesquisa. São elas: (a) não há grupos, apenas a formação de grupos; (b) a ação é assumida; (c) os objetos também agem; (d) questões de fato vs questões de interesse; (e) os relatos de risco.

Aqui, a composição dos processos que envolvem a constituição da dimensão do artesanato na localidade é compreendida pela quinta fonte de incerteza elaborada por Latour (2012, 2016), ou seja, através do somatório das questões de interesse dos atores, que irão dar origem as questões de fato: a composição final dada pelos interesses constituídos.

Para tal, adaptou-se o método desenvolvido por Lima (2016) denominado de Mapas Oligópticos. Tal método foi desenvolvido a partir da proposta teórica-metodológica elaborada por Latour et. al. (1997, 2009, 2012, 2016) e Venturini et al. (2009, 2010a, 2010b, 2015) conhecida como “Cartografia de Controvérsias” que nos permite compreender de que maneira os interesses e as intencionalidades dos atores que compõem a realidade social em questão se entrelaçam e redirecionam suas ações.

O método a que nos referimos propõe o mapeamento sobre determinada realidade social a partir de três proposições: (a) estender a complexidade dos atores; (b) mapear as coordenadas cartográficas; (c) apresentar os relatos de risco. O recorte temporal adotado para confecção deste artigo é referente aos anos anteriores a formalização da associação de artesãos, considerando o período do último quarto do século passado ao ano de 2003, ano em que a associação é formalizada. Após a análise dos dados por meio do método desenvolvido por Lima (2016), os mesmos serão reagregados por meio das três etapas propostas por Latour (2012), são elas: (a) localizar o global; (b) redistribuir o local; (c) ligar os locais revelados pelos dois movimentos anteriores.

Por fim, destacamos que no texto que se segue determinados termos que se referem a dimensões componentes da complexidade social estudada serão apresentados em letra maiúscula e entre aspas quando o objetivo for abordá-las de tal maneira. Vale destacar também que foram preservados os nomes verdadeiros dos atores representados, atribuindo-lhes a nomenclatura de “Integrante” seguido de um número que os representa.

3. Resultados e Discussão

3.1 Localizando o global: o artesanato e a complexidade social do município de São Bento do Sapucaí - SP

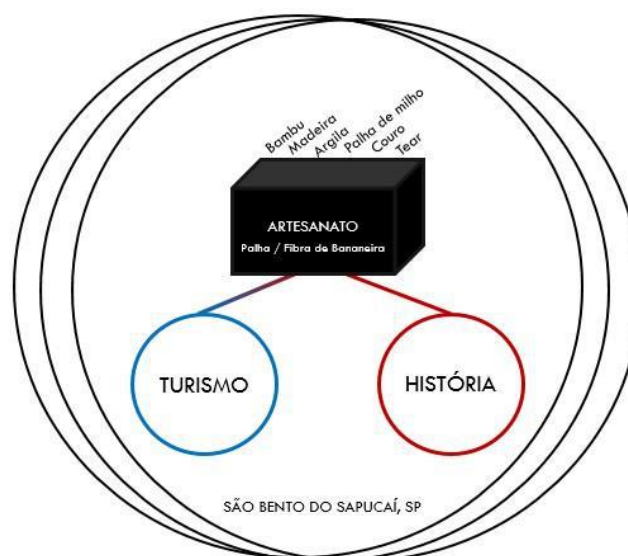
Conforme pode ser observado em Rodela et al. (2015), a bananicultura se apresenta como uma importante fonte de renda do município de São Bento do Sapucaí, apresentando-se como possibilidade de desenvolvimento socioeconômico e cultural, através do resultado que é capaz de proporcionar tanto a agricultores quanto a artesãos. A partir dos bananais que são comuns ao local, a prática do artesanato produzido por meio da palha e da fibra de bananeira se expande, tornando se um elemento característico do local.

Freitas (2018) destaca que ao se desdobrar as controvérsias referentes ao mundo social da cidade de São Bento do Sapucaí, inevitavelmente, chega-se a dimensão do artesanato, principalmente quando as controvérsias referentes a localização geográfica do município são desdobradas.

O município se configura majoritariamente por regiões de zona rural, onde, tanto no ciclo produtivo, quanto de comercialização, o artesanato ganha destaque. A polarização entre cidade e campo, a partir de seus significados diversos, proporciona que a atividade turística em pequenas cidades ganhe força mediante a valorização de aspectos que formam o imaginário popular sobre a composição da vida rural, apropriando-se destes significados para atrair a atenção de possíveis consumidores. Os fenômenos que compõem a configuração social do bairro do Quilombo e da associação de artesãos estudada, portanto, para que possam ser compreendidos, devem ser considerados em consonância a aspectos que fazem da prática do turismo uma alternativa de consumo dentro da lógica do capital (Fortes, 2004).

Através das falas de moradores do bairro do Quilombo e também constatado por Freitas (2018), é uma prática comum entre os moradores da zona rural do município a apropriação de elementos da natureza que se tornaram abundantes e passaram a integrar o dia a dia dos habitantes do lugar, tanto no que diz respeito a práticas com viés econômico quanto como forma de dar significados distintos aos elementos presentes no ambiente. O artesanato enquanto modo de vida, conforme aborda Kamel (2007), é fato que constitui o cotidiano de São Bento do Sapucaí, constatado pela autora ao rastrear as controvérsias que constituem a produção artesanal no município, apresentada através da figura abaixo (*Figura 1*).

Figura 1: “Caixa-Preta do Artesanato” de São Bento do Sapucaí



Fonte: Adaptado de Freitas (2018).

Segundo Freitas (2018), a utilização e os usos históricos dos materiais que compõem a “Caixa-Preta” da dimensão

“Artesanato” na cidade ajudam a descortinar a produção artesanal realizada a partir das dimensões que são elementos centrais na associação de artesãos, são eles, a palha e a fibra de bananeira. É apresentado pela autora, através da imagem acima, a “Caixa-preta do Artesanato” do município, constituída por diversos materiais, sendo eles, o bambu, a madeira, a argila, a palha de milho, o couro e o tear. Todos estes materiais fazem parte do ciclo de produção do artesanato local e, segundo a autora, estão caracterizados como elementos formativos da “Caixa-Preta” devido a uma ruptura na estabilização do artesanato local, compreendido majoritariamente a partir da palha e da fibra de bananeira, mas que contem em seu desenvolvimento a produção de artefatos por meio da apropriação de elementos diversos. Na imagem acima, a “Caixa-Preta” é apresentada junto as dimensões “Turismo” e “História”, representado por círculos nas cores azul e vermelho, respectivamente, fundamentais no processo formativo das práticas artesãs do município e no bairro do Quilombo. A associação entre a dimensão “História” e a “Caixa-Preta” está representada pela mesma cor vermelha, devido a constante influencia histórica no processo de composição do artesanato local, e a associação entre a dimensão “Turismo” e a “Caixa-Preta” está representada pelas cores que dão forma as dimensões “História” e “Turismo”, em degradê e no sentido da “Caixa-Preta”, o que demonstra o constante agenciamento entre elas através dos materiais que compõem o artesanato local. É na relação entre as dimensões “Turismo” e “História” que nos aprofundaremos a seguir, fundamentais para a compreensão do artesanato produzido pela associação de artesãos do bairro do Quilombo.

3.1.1 Estendendo a complexidade dos atores: o turismo e o município de São Bento do Sapucaí - SP

Segundo Urry (1999) o crescimento e os investimentos direcionados a prática do turismo no mundo contemporâneo teriam relação direta com as diretrizes do modo de produção capitalista. O sistema de produção fordista, alicerce para o fortalecimento do capitalismo, está estruturado a partir de uma tentativa de racionalização da produção (taylorismo), onde a divisão entre o trabalho manual e intelectual, a mecanização dos processos de produção, a produção em massa e a padronização dos artefatos produzidos estão instituídas visando atender o consumo de massa, característica do próprio modelo econômico. Diante desse modelo, o controle sobre o trabalhador, até mesmo no que se refere ao seu tempo de lazer, está atrelado ao aumento da produção, visto que em seu tempo livre este é considerado como um potencial consumidor. É direcionado ao período de ócio do trabalhador que a atividade turística se insere como um mecanismo de fomento econômico, conforme pode ser observado em Campelo (2000) e Donaire (1998). Assim, a prática do turismo se desenvolve sobre a mesma lógica de maximização dos lucros e de padronização contidas no modo de produção industrial capitalista, não inserido propriamente dentro da produção industrial, mas como um instrumento potencializador deste sistema, direcionado ao tempo livre daquele que produz.

É dentro desse contexto que o turismo se modifica de acordo com as demandas do tempo em que se desenvolve, tomando forma de acordo com as necessidades e as características socioeconômicas de cada período. Assim, criam-se diferentes maneiras de se exercer tal prática. O “turismo de massa”, aquele que oferece um mesmo tipo de produto ou serviço a maior quantidade possível de potenciais consumidores, a partir da segunda metade do século passado, se flexibiliza com o crescimento do setor de serviços e a diversificação do setor produtivo, permitindo o surgimento de novas maneiras de ser exercido, abrindo espaço para a oferta da diferenciação e da singularidade (Campelo, 2000; Yúdice, 2006). Além disso, com a crise gerada e retroalimentada pelo sistema capitalista na segunda metade do século passado, a produção e o consumo em massa passam a ser questionados por alguns segmentos da sociedade, o que abre espaço para o consumo de produtos singulares, direcionados a nichos específicos de consumidores. Diante da variabilidade da oferta sobre produtos, a prática do turismo se fortalece a partir da possibilidade de associação a diferentes instâncias que o diversificam, como o meio ambiente, a cultura, as práticas esportivas e o comércio, por exemplo (Urry, 1999).

É diante desse cenário que a cidade de São Bento, que ganhara a denominação de estância climática no ano de 1976, assim como outros municípios da região do Vale do Paraíba paulista, predominantemente constituídos pela economia agrícola

até meados da segunda metade do século, através dos esforços de sua administração municipal, somado a outras instituições privadas ou vinculadas ao estado, busca se inserir nessa modalidade econômica (Fortes, 2004).

É nesse ponto que nos deparamos com a primeira fonte de incerteza mencionada por Latour (2012, p. 57), onde, segundo o autor, *não há grupos, apenas formação de grupos*. Nesse caso, o ponto de partida se apresenta por meio da história e dos aspectos geográficos da cidade de São Bento do Sapucaí, tendo como porta voz a administração municipal do município, ator responsável por centralizar as ações relacionadas a prática do turismo na cidade. O que aparentemente se constitui como uma “vocação natural” da cidade para a prática do turismo, é, na verdade, uma constru o social, possível de ser compreendida através do rastreamento dos atores “Turismo” e “Geografia”. O que não quer dizer que a localidade não possua características próprias que a impulsionara nesse caminho, conforme será visto adiante.

Adentrando nos desdobramentos das dimensões “Geografia” e “Turismo”, conforme imagem produzida por Freitas (2018),   possível perceber que os principais *actantes* (dimensões que fazem com que os atores ajam, nesse caso, relacionados a geografia da cidade) responsáveis pelas classifica es turísticas atribuídas ao município de São Bento do Sapucaí, são a “Serra da Mantiqueira”, o “Alto Sapucaí” e o “Vale do Paraíba”. A partir do trabalho realizado por Fortes (2014),   possível perceber que tais classifica es, derivadas de sua posi o geográfica, somadas ao clima da região, são responsáveis por compor a complexidade da dimensão “Geografia”, conforme imagem abaixo (Figura 2).

Figura 2: A complexidade da dimensão “Geografia”



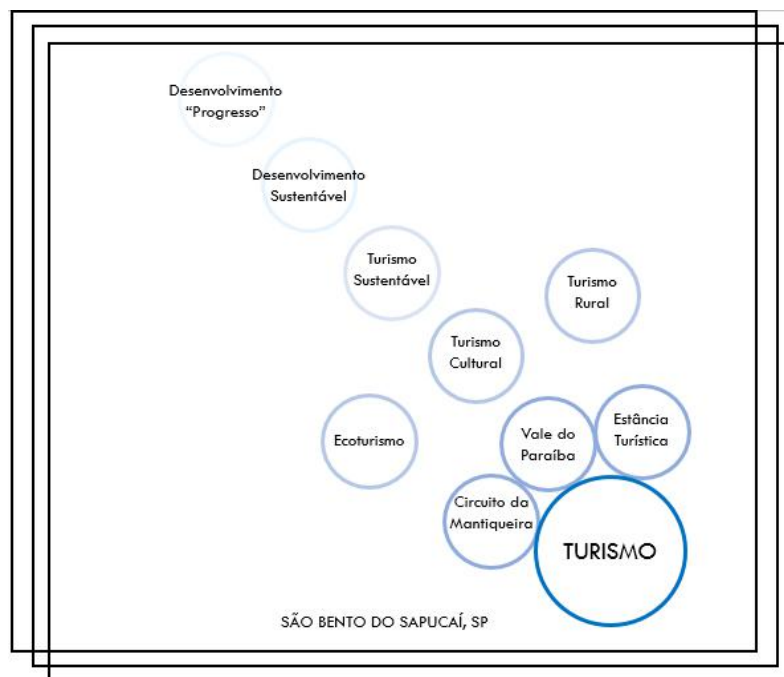
Fonte: Autoria própria (2021).

Vale destacar que os *actantes* mencionados na imagem acima são aqueles que exercem influência sobre a dimensão “Turismo”. Não se viu a necessidade, portanto, da representa o de demais fatores geográficos relacionados a cidade que são nulos quanto a influência na rede. O *actante* “Pedra do Ba ” está destacado na imagem por ser um fator geográfico que exerce grande influência sobre a prática do turismo no município. Da mesma forma, destaca-se na imagem acima o *actante* “Campos do Jordão” que, através da proximidade, e por já possuir destaque anterior em rela o a atividade turística, influenciou no direcionamento de a es voltadas a prática do turismo na cidade de São Bento do Sapucaí. Conforme aponta Latour (2012, p. 94), *nesta altura, o interessante não é decidir quem está agindo e como, mas passar de uma certeza para uma incerteza em*

relação à ação. Deste modo, os *actantes* estão representados por círculos nas cores azul e amarelo (os *actantes* “Pedra do Baú” e “Campos do Jordão” estão representados por um tom em amarelo mais fraco, pois representam elementos formativos da composição geográfica), que se somam para formar a dimensão “Geografia”. Os *actantes* estão representados sem nenhum componente de ligação entre eles, por não ser necessário determinar a esta altura, segundo o próprio autor, a ordem da ação, ou seja, quem age primeiro ou como.

Também segundo a *Figura 2*, os agentes responsáveis por compor o município enquanto localidade turística são as classificações “Circuito Mantiqueira” (Circuito Turístico da Mantiqueira), “Vale do Paraíba” (Macrorregião Turística do Vale do Paraíba) e “Estância Turística”. Ao segui-los, conforme descrição realizada na seção anterior, foi possível localizar a influência dos seguintes *actantes*: O conceito de “Desenvolvimento” atrelado a concepção de “Progresso”; O conceito de “Desenvolvimento Sustentável”; O “Turismo Sustentável”; as práticas de “Ecoturismo”, “Turismo Cultural” e “Turismo Rural”. A influência de tais *actantes* no que se refere a formação e as classificações do ator “Turismo” no município irá dar origem a imagem a seguir:

Figura 3: A complexidade da dimensão “Turismo”.



Fonte: Autoria própria (2021).

Na imagem acima, os *actantes* estão representados em diferentes tons de azul, nos quais, os tons mais fracos representam elementos formativos dos tons mais escuros – forças que induzem as outras a fazer alguma coisa, o que não quer dizer que *seja sua causa a gerar efeitos; pode ser também a ocasião para outras coisas começarem a agir* (Latour, 2012, p. 93) – que se somam para compor a dimensão “Turismo”, não sendo estabelecida uma ordem ou uma direção de quem age primeiro ou como, o que justifica a ausência de componentes de ligação entre eles.

As duas imagens acima nos direcionam a terceira fonte de incerteza a que Latour (2012) menciona: *os objetos também*. O que irá nos conduzir a seguir a ação dos atores humanos e não humanos na constituição da rede. São nessas ações que nos debruçaremos a seguir.

3.1.2 Mapeando as coordenadas cartográficas: o turismo e o artesanato no município de São Bento do Sapucaí - SP

Conforme exposto anteriormente, o município de São Bento, assim como outras pequenas e médias cidades que formam

o Vale do Paraíba paulista, tinham na agricultura, até meados da segunda metade do século passado, como sua principal atividade econômica. Conforme pode ser observado através do trabalho realizado por Fortes (2004), através de entrevistas da época e reportagens jornalísticas, o início dos anos noventa na cidade foi marcado por discursos controversos dos então candidatos a prefeito, que apostavam no turismo como principal elemento eleitoreiro para “salvação” econômica do município. Segundo consta, no final do século, o turismo rural e ecológico, integrado a todos os elementos da sociedade são-bentista, inclusive as atividades agrícolas, eram tidos como principal meta da administração municipal da época.

Se tal postura era constituída de elementos que apontavam para o objetivo único das eleições municipais, não é possível afirmar, o que é certo é que a atividade turística no município se estruturou de acordo com as propostas contidas nos discursos do prefeito da época, conforme também pode ser notado através do trabalho de Freitas (2018) em que o investimento na atividade turística no município se daria de forma descentralizada, preenchendo todo o território da cidade, em detrimento da centralização, supostamente proposta pela oposição, fato que transformara também a maneira como estava organizada até então a principal atividade econômica do município, a agricultura.

Fortes (2004) relata suas impressões sobre a atividade agrícola, na qual, a partir da fala dos moradores, constata a falta de incentivos por parte do governo, já que os financiamentos existentes na época (início dos anos 2000) não eram compatíveis com as condições dos pequenos proprietários de terras. Em função disso, muitos deles, pequenos agricultores, passam a vender suas terras para turistas que as transformam em sítios direcionados ao tempo de lazer. Em relação às linhas de financiamento do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (PRONAF), os mesmos moradores teriam relatado que apenas a produção de determinados produtos se enquadrava nas diretrizes do programa, dentre elas, a produção de banana prata, na qual voltaremos a mencionar adiante. Uma outra entrevistada pela autora, funcionária da Casa da Agricultura local, relata, contudo, que a venda das terras por parte dos pequenos produtores nesse período eram ainda insignificantes. O que muitos deles adotaram como prática, na verdade, segundo ela, foi a conciliação entre a agricultura e o turismo, através da produção, por exemplo, de doces, temperos, queijos e outros produtos característicos da vida rural, além de alguns deles passarem a hospedar turistas em suas residências nos finais de semana e datas festivas. De uma forma ou de outra, a atividade turística e o aumento dos investimentos por parte do poder público local passaram a interferir diretamente, tanto na vida dos moradores locais, quanto na até então principal atividade econômica do município, a agricultura.

Segundo a própria autora relata, no ano de 2004, os efeitos dos investimentos na prática do turismo pela administração municipal já se mostravam visíveis, já existindo um consenso entre os moradores da cidade de que a atividade turística era a opção mais propícia ao município, de acordo com suas vocações e necessidades e, nesse contexto, o bairro mais privilegiado e beneficiado por tais ações havia sido o bairro do Quilombo.

Em entrevista realizada com a Secretária de Cultura da cidade, dois anos antes, a autora havia relatado que após a “escolha” feita pelo município pela prática do turismo enquanto principal atividade econômica, a influência do SEBRAE, através dos cursos de capacitação oferecidos, haviam direcionado a cidade e suas atividades como um todo para uma mesma lógica mercadológica, sendo o turismo o agente impulsionador desse processo, atrelado aos diversos riscos e benefícios que o processo de transformação contém (Fortes, 2004).

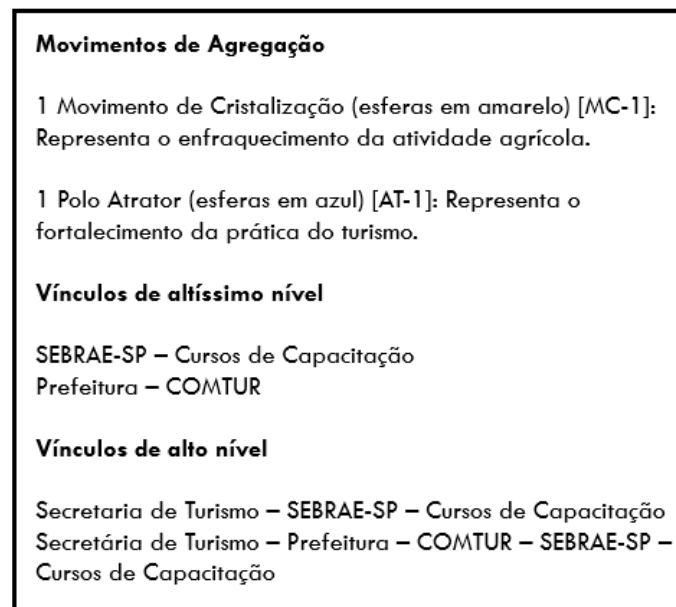
Assim, de acordo com o que propõe Lima (2016), o aumento dos incentivos e investimentos na atividade turística por parte da administração municipal, associada a falta de investimento por parte do governo sobre a atividade agrícola, consonantes a interferências dos *actantes* sobre a dimensão “Turismo” expostos na seção anterior, originam o Movimento de Cristalização [MC-1], que consiste no enfraquecimento da atividade Agrícola enquanto principal atividade econômica do município, fazendo surgir o Polo Atrator [AT-1], dentro do [MC-1], que representa o fortalecimento da prática do turismo enquanto atividade econômica relevante ao município.

De acordo com as informações expostas nesse capítulo, dentro desse contexto, destacam-se as ações dos seguintes atores

não humanos: “SEBRAE-SP”; “Secretaria de Turismo-SP;” “Prefeitura Municipal de SBS”; “Conselho de Turismo Municipal”; “Hotelaria”; “Comércio”; “Saúde”; “Educação”; “Segurança”; “Cursos de Capacitação” oferecidos pelo SEBRAE-SP; “Meios de Divulgação” da prática do turismo exercido no município de São Bento do Sapucaí. E, como atores humanos, os “Investidores”, constituídos dos mais variados membros da sociedade civil, como proprietário de terras locais, turistas com pretensões econômicas, visitantes e potenciais investidores em geral.

Tais informações dão origem ao “Mapa Oligóptico 1”, que ilustra a disposição e as relações existentes entre os mediadores que se afetam para compor o Polo Atrator 1 [AT-1] (“Turismo”). No topo do Mapa, consta a linha cronológica dos acontecimentos. Ressaltamos que o intervalo de anos presente no MO-1 (de 1975 a 2003) representa uma tentativa de aproximação do período em que tais processos se deram, não sendo possível afirmar com exatidão as datas das ações que o compõem através das informações que tivemos acesso. Logo abaixo, na tela “*Quem?*”, estão descritos a população de atores humanos e não humanos citados no parágrafo anterior. Por fim, nas telas “*Onde?*” e “*Como?*”, os mediadores estão distribuídos de acordo com o nível de relevância de cada um de acordo com as seguintes mediações (*Figura 4*):

Figura 4: Mediações “Mapa Oligóptico 1”.



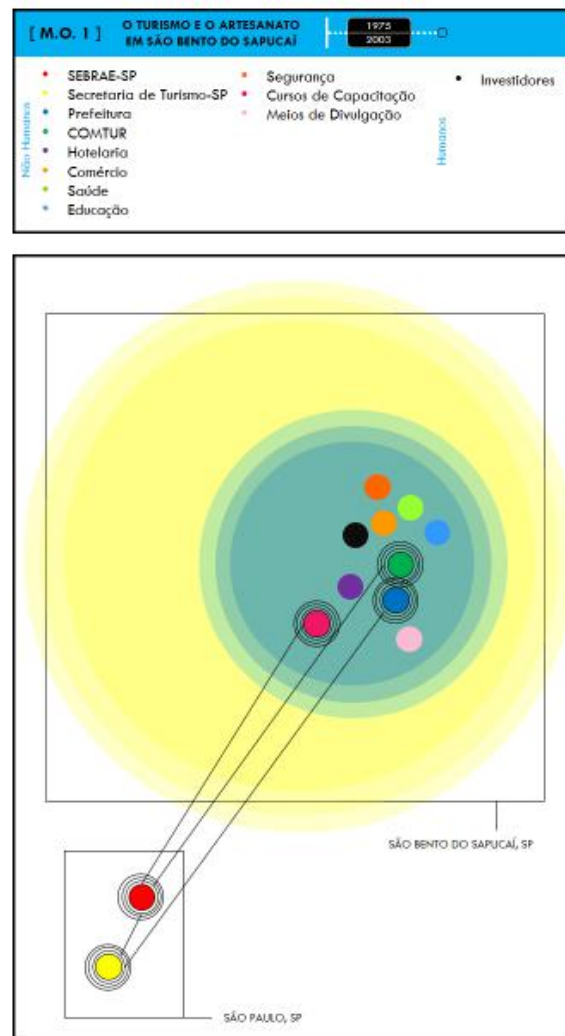
Fonte: Autoria própria (2021).

Os vínculos de altíssimo nível representam a união dos atores de maneira que suas ações não podem ser separadas, ou seja, se um ator for retirado da rede, a presença do outro ator perde completamente o sentido. Se retirarmos, por exemplo, o ator “SEBRAE-SP”, o ator “Curso de Capacitação” torna-se, automaticamente, desprovido de sentido na composição da rede, ou seja, a permanência de um, depende da permanência do outro.

Se tomarmos como exemplo a relação entre o ator “Prefeitura” e ator “SEBRAE-SP”, percebemos que ambos atuam de forma autônoma na rede, porém, a soma e o resultado de suas ações são determinantes para compor a atividade turística no município de São Bento.

Assim, os vínculos contidos no Polo Atrator 1 [AT-1] demonstram as ações dos mediadores (responsáveis por atrair os intermediários para sua órbita) e como, através dessas ações, aumentam seu poder na composição da rede, conforme pode ser observado através do “Mapa Oligóptico 1” (*Figura 5*):

Figura 5: “Mapa Oligóptico 1”

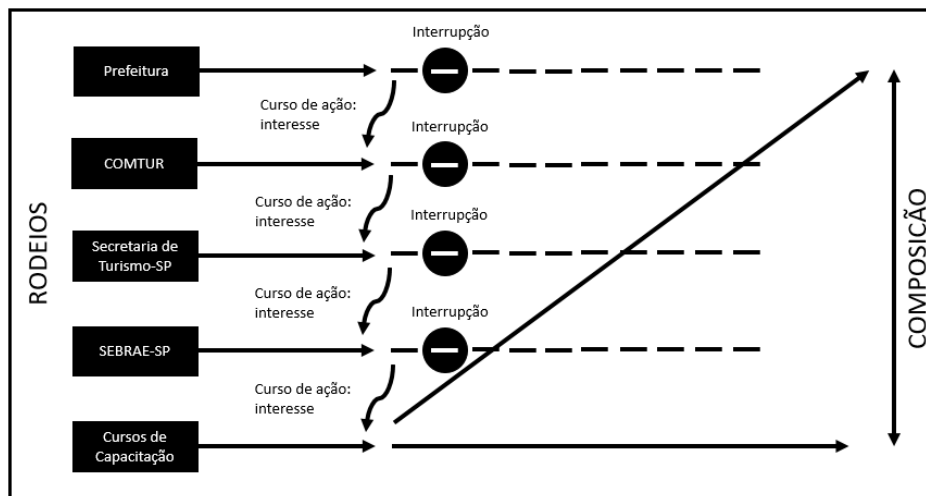


Fonte: Autoria própria (2021).

3.1.3 Apresentado relatos de risco através das questões de fato vs questões de interesse: o turismo e o artesanato no bairro do Quilombo

Ao demonstrarmos como atores humanos e não humanos agem como mediadores ou intermediários na composição da rede “Turismo e Artesanato”, através do Mapa Oligóptico 1, damos seguimento as fontes de incerteza propostas por Latour (2012). O autor aborda que a complexidade social se forma a partir de cursos de ação que alteram sua rota para se somarem a outros. A alteração de tais cursos se daria por questões de interesse, próprias a cada ator, que ao somar-se a um outro curso de ação, daria origem a um novo curso de ação (o autor utiliza o termo tradução para se referir a composição por dois ou mais cursos de ação). O somatório de todos os cursos de ação seriam os responsáveis por compor a complexidade social. Desta forma, a partir da abordagem realizada por Latour (2016), o esquema de composição que deriva da rede “Turismo e Artesanato” do município de São Bento do Sapucaí está representada a partir da imagem abaixo, de acordo com ações dos mediadores que agem para compor a rede.

Figura 6: Esquema de composição “Turismo e Artesanato” do município de São Bento do Sapucaí.



Fonte: Autoria própria (2021).

A imagem acima nos direciona a quinta e última fonte de incerteza. Segundo Latour (2012), a partir da quinta fonte de incerteza, a complexidade social na qual se propõe a descrever deve conter os traços de ações de uns atores agindo sobre outros. Desta forma, é possível verificar através da imagem acima os as mudanças de direção nos cursos de ação dos mediadores que são interrompidas para se somarem a um outro agente em movimento e, desta forma, compõem a rede de interações. Na imagem acima estão demonstrados, aplicados a configuração social do município de São Bento do Sapucaí, os conceitos de tradução (as mudanças nos cursos da ação, que são interrompidos para se transformarem, de acordo com os interesses de cada ator, em uma nova ação), o conceito de rodeio, ou seja, o risco, visto que, ao se deslocar o curso da ação, não se pode mais retomar a etapa inicial, e o conceito de composição, ou seja, as questões de fato, a soma final dos cursos de ação dos mediadores que são interrompidos e se somam para dar origem a novos cursos de ação.

Diante dos fatos abordados nessa seção, acreditamos ter cumprido, segundo a proposta de Latour (2012), a primeira etapa do caminho para reagregarmos o social que compõe e é composta pela Associação dos Moradores e Artesãos do Bairro do Quilombo – “Arte no Quilombo”: a de localizar o global, em específico, a complexidade social do município de São Bento do Sapucaí, no que se refere as dimensões “Artesanato”, “Turismo” e “Geografia”. Cumprida a primeira etapa, daremos seguimento na próxima seção a etapa de redistribuição do local, ou seja, ao compreendermos que ele é parte de um contexto global, iremos buscar entender de que modo é reconduzido e redistribuído.

3.2 Redistribuindo o local: O artesanato e a complexidade social do bairro do Quilombo

3.2.1 Estendendo a complexidade dos atores: turismo, história e o artesanato no bairro do Quilombo

No caminho de rastreamento das dimensões “Turismo” e “História” que compõem a prática do artesanato no bairro do Quilombo, dois atores ganham destaque por desempenharem papéis de grande importância tanto para construção quanto para solidificação do bairro enquanto espaço turístico.

O primeiro deles é um famoso artesão do bairro. Suas obras estão relacionadas a vida rural e a diversidade de elementos que a caracterizam, através do seu passado como lavrador, das características da vida rural e do povo da roça. Essa temática também está relacionada ao próprio bairro do Quilombo, como é possível notar através de diversas publicações que expõem suas características.

Segundo Fortes (2004), o artista foi, por muitos anos, o grande porta-voz do bairro no que se refere a divulgação do lugar enquanto espaço turístico, sendo, nessa função, sua liderança quase inquestionável. Por intermédio de sua imagem, já

expandida às metrópoles, através de entrevistas para jornais e para televisão, com prêmios recebidos em outros continentes, ele teria buscado, desde sempre, vincular sua imagem ao bairro do Quilombo, buscando a adesão de outros moradores ao seu “projeto” de transformação do lugar em uma espécie de centro de artes e artesanato da cidade.

Da mesma forma que buscava divulgar a imagem do bairro, unindo-a a sua, o “Integrante 1” foi (e ainda é, mesmo que provavelmente não tão atuante como antes) uma espécie de intermediário entre a comunidade, o poder público e a igreja. Conforme nos foi relatado por alguns artesãos associados, o artista exerceu papel fundamental na construção do espaço onde hoje o artesanato é comercializado, sendo um agente articulador entre os interesses dos artesãos e as ações da prefeitura.

O segundo ator a que fizemos referência é uma historiadora local e antiga funcionária da prefeitura municipal, um nome corriqueiramente citado pelos artesãos e moradores do bairro nas entrevistas que realizamos, seja por seus trabalhos prestados ou por suas obras deixadas.

Atuante na prefeitura municipal na última década do século passado, a historiadora tinha como proposta a exploração das potencialidades históricas do município, buscando uma espécie de ampliação do repertório histórico disponível, de forma a construir uma certa especificidade do município dentro do mercado turístico (Fortes, 2004). Atuando, desta forma, próximo ao que Yúdice (2006) trata como indústria da diferenciação: a valorização de características singulares do local que poderiam o tornar atraente em relação ao consumo.

A historiadora teria dedicado certa atenção especial às especificidades e potencialidades oferecidas pelo bairro do Quilombo, sendo mais incisiva como agente de organização da atividade turística do lugar. Conforme relata Fortes (2004), a “Integrante 2” teria sido uma pesquisadora atuante sobre a história escrava do município e sobre a história do bairro do Quilombo, procurando por pontos de intersecção entre ambas, além de se envolver pessoalmente com moradores da comunidade no intuito de adaptá-la as condições impostas pela atividade turística. Nesse sentido, buscou legitimar o nome do bairro (a população é hoje majoritariamente formada por pessoas de pele branca, o que torna o próprio nome do bairro controverso, como será visto mais adiante), através da reconstituição de sua história e da história dos afrodescendentes escravos na cidade.

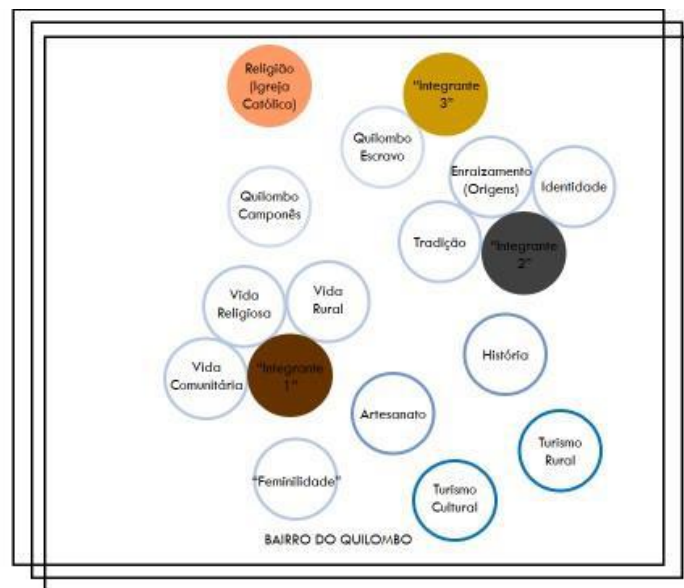
Durante o período em que trabalhou junto dos moradores do bairro no intuito de torna-lo um destino turístico, a historiadora teria buscado levantar as potencialidades de diversos moradores de modo que compusessem seu “projeto” turístico. Dentre tais moradores, estaria uma família de negros, a quem lhes teria sido oferecida a representação da “dimensão escrava” do projeto (Fortes, 2004).

Assim, diante das controversas versões e relações que compõem a origem e o próprio nome do bairro, a figura de uma pessoa negra, representada a partir de então pela “Integrante 3” e seus familiares, é o elemento que parecia faltar no quebra-cabeça para dar de vez a identidade que faltava ao local.

Atuante e reconhecida pelos moradores do bairro, a partir de então, como detentora deste espaço, a “integrante 3” toma para si o papel que lhe fora oferecido no intuito de constituir o bairro como localidade turística e passa a promover através das festividades as origens e tradições que possivelmente seriam do lugar, oscilando entre momentos de maior e menor atuação e reconhecimento dentro da comunidade. Nesse sentido, da mesma forma que o “Integrante 1”, a vida religiosa e sua relação com a igreja exerceriam papel de grande importância em suas relações locais, sendo ela a métrica de sua aceitação (Fortes, 2004).

De modo geral, não só através de sua posição física no bairro, no qual encontra-se em um ponto central, a igreja exerce um papel centralizador entre as relações dos moradores locais, de certa forma, mediando-as, sendo a maioria das atividades organizadas de forma comunitária constituídas a partir da religiosidade ou do próprio papel institucional que a igreja exerce no local. Nesse sentido, todas as festividades e atividades comunitárias, como almoços, bingos e brechós, por exemplo, que nos foram relatados, passam pela igreja, mesmo que a organização das atividades não visem a arrecadação de fundos para ela própria. As informações relatadas nessa seção, dão origem ao diagrama a seguir (*Figura 7*):

Figura 7: A complexidade do “Turismo Cultural” e “Turismo Rural”



Fonte: Autoria própria (2021).

O diagrama acima nos mostra que a complexidade das dimensões “Turismo Cultural” e “Turismo Rural” se desdobram a partir de duas dimensões principais, o “Artesanato” e a “História”, no qual se constituem através, principalmente, da ação dos atores “Integrante 1” e “Integrante 2”, representados na imagem acima pelas cores marrom e cinza, respectivamente, que atuam a partir de três dimensões principais, são elas: “Vida Comunitária”, “Vida Religiosa” e “Vida Rural”, no caso do “Integrante 1”, sendo esta última elemento constituinte de sua obra, e “Tradição”, “Enraizamento (Origens)” e “Identidade”, no caso da “integrante 2”, dimensões que impulsionam seus esforços para tornar a comunidade do Quilombo um destino turístico, através da busca de relações que legitimam o nome e as origens locais.

É a partir dessas dimensões que, conforme o trabalho realizado por Fortes (2004), o bairro do Quilombo passa a ser constituído pela divisão entre outras duas dimensões: a primeira composta por características da cultura camponesa, da vida rural e de seus símbolos, ou seja, um “Quilombo Camponês”. A segunda, a de um “Quilombo Escravo”, através da memória escrava, representada pelo próprio nome do bairro e que se consolida através dos esforços da “Integrante 2” e da atuação da “Integrante 3”, representada na imagem acima pela cor dourada. Conforme já mencionado anteriormente, a religiosidade (materializada pelas ações da Igreja Católica) acaba por permear a constituição de ambas as dimensões.

Outro ponto que vale destacar no diagrama acima é a dimensão “Feminilidade”, que se desdobra em uma outra direção a partir do “Artesanato”. Segundo relatado por muitas artesãs, desde o princípio, as maiores entusiastas pela criação do espaço onde hoje o artesanato é comercializado, com exceção do “Integrante 1”, eram mulheres (ainda hoje a associação é composta majoritariamente por mulheres). Tanto que é possível notar a partir das falas de muitas artesãs, que a existência do espaço de comercialização é fruto desses esforços iniciais. Segundo as entrevistadas, no princípio, muitos maridos não eram favoráveis a produção artesanal e, menos ainda, a reunião das mulheres para sua produção. O trabalho realizado por Fortes (2004) corrobora com essa questão ao citar em nota de rodapé informação parecida, além de destacar que, pelo fato do trabalho artesanal poder ser conciliado junto ao trabalho doméstico ou nas horas vagas e em suas próprias residências, além de no princípio ter o retorno financeiro como algo incerto, a produção artesanal, no contexto do bairro do Quilombo, se resumiu majoritariamente a uma prática “feminina”, enquanto os homens continuaram optando pelo trabalho braçal ou outras formas de prestação de serviços (com exceção do “Integrante 1”, como já mencionado, e alguns outros poucos homens). Essa afirmação se relaciona ao pensamento de Aboim (2012), no qual a perspectiva de gênero é abordada a partir da dicotomia moderna entre o público e o privado. Nesse sentido, o privado se restringiria ao âmbito doméstico, enquanto o público estaria relacionado a ordem política e

econômica, por exemplo. Desta forma, existiria uma dicotomia moderna, artificialmente criada, que demonstraria uma conexão desigual entre os gêneros, delimitando-lhes espaços de atuação e funções sociais específicas. Teixeira (2010) corrobora com esse pensamento ao explicitar que as funções referentes ao âmbito doméstico e o acesso ao mercado de trabalho são temas fundamentais nas discussões sobre desigualdade de gênero na atualidade, sendo as atividades relacionadas ao ambiente doméstico praticadas principalmente pelas mulheres.

A partir dessa contextualização, optou-se por utilizar o termo “Feminilidade” para caracterização desta dimensão, mantendo as aspas contidas no texto também no diagrama, por esta força, como pode ser notado a partir de Aboim (2012), ser artificialmente criada e não algo estritamente relacionado a mulheres, mas atribuída a elas por imposição das estruturas sociais alicerçadas em um modelo patriarcal.

3.2.2 Mapeando as coordenadas cartográficas: turismo, história e o artesanato no bairro do Quilombo

Através da exposição do diagrama exposto na seção anterior, foi possível notar a influências dos actantes na configuração social do bairro do Quilombo, no que se refere as dimensões “Turismo Cultural” e “Turismo Rural”. Através da exposição da complexidade dessas dimensões é possível compreender de maneira mais clara como se deram os processos de composição do artesanato na comunidade.

Nesse processo, como já mencionado, destacam os esforços de algumas artesãs que insistiram em tentativas de comercialização de artesanato, naquela época, não feitos majoritariamente a partir da palha e da fibra de bananeira, mas de manualidades diversas, passando pelo crochê e pelo bordado, por exemplo. Dentre essas artesãs, a partir das entrevistas que realizamos, destacam-se os papéis exercidos pelas “Integrante 4”, “Integrante 5” e “Integrante 6”. Essas mulheres, hoje com a idade já um pouco avançada, segundo o relatado pela “Integrante 5”, tentaram vender variados tipos de artesanato no pátio da igreja muito antes da criação do ateliê. Segundo a “Integrante 6”, para ela é comum, desde criança, a apropriação de elementos encontrados na natureza para a produção artesanal. Essa criatividade direcionada as atividades manuais, junto aos esforços de outras moradoras e artesãs da comunidade para comercialização dos artefatos, foram fundamentais no processo de consolidação do artesanato enquanto atividade característica do local. Segundo nos informado pela “Integrante 4”, ela própria incentivou muitas mulheres a não desistir da produção do artesanato porque aquela poderia se tornar para elas uma fonte de renda que possibilitaria abrirem mão de seus trabalhos “fora”, por exemplo, como domésticas.

Essas informações são, a partir de algumas passagens, confirmadas pelo trabalho realizado por Fortes (2004). Segundo a autora, a primeira vez que visitou o bairro, no ano de 1998, se deparou com uma pequena feira de artesanatos realizada no pátio da igreja. Lá, encontravam-se cerca de oito mulheres expondo peças de crochê, pinturas em tecido, esteiras de palha de bananeira, e peças feitas em barro e madeira.

No caminho de solidificação do bairro do Quilombo enquanto espaço caracterizado pela produção artesanal, além das influências exercidas já abordadas anteriormente, vale citar, a partir do trabalho de Fortes (2004), as ações dos “Integrante 1” e “Integrante 2”, que teriam buscado estimular aqueles que já produziam algum tipo de trabalho manual a estruturar suas produções e expô-las no próprio bairro.

A “Integrante 2” teria buscado conhecer as habilidades dos moradores do bairro, que passariam pelo crochê, pelo bordado, por trabalhos em madeira e pelos doces, visando a construção de um tão sonhado Centro de Artesanato do Quilombo, que seria construído na praça em frente à igreja. Conforme relatado, a construção do espaço sofria a resistência, naquele momento, do atual padre da paróquia, e acabou por perder os esforços da “Integrante 2”, que teria se afastado da prefeitura por desgastes com a administração da época. O “Integrante 1” teria oferecido aulas de artesanato em sua própria residência aos moradores interessados em desenvolvê-lo, além de manter contatos com agentes da cidade, como a própria “Integrante 2”, e de outras localidades, que pudessem ajudar a promover a atividade no bairro.

Conforme expõe Fortes (2004), as dificuldades e as disputas para a construção do espaço onde o artesanato produzido no bairro seria comercializado, parecem ter persistido por muito tempo até o ano de 2002, quando, enfim, fora aprovada uma verba estadual para a construção do espaço.

As informações apresentadas até aqui dão origem ao mapa a seguir (*Figura 8*), na qual são apresentadas as ações de atores humanos e não humanos para formação da prática do artesanato enquanto atividade característica do bairro do Quilombo. Nele, estão contidos o Movimento de Cristalização [MC-1], representado pela estagnação, no que se refere a atividades realizadas pelos moradores até então, como a prestação de serviços e a atividade agrícola, o que acaba por ocasionar o surgimento do Polo Atrator 1 [AT-1], representante do fortalecimento da prática do artesanato no bairro, demonstrado a partir do diagrama de complexidade do “Turismo Cultural” e do “Turismo Rural” (*Figura 7*).

Na lateral direita do mapa consta a linha cronológica dos acontecimentos retratados. Ressaltamos que o intervalo de anos presente no mapa (1975 a 2003), representa uma tentativa de aproximação do período em que tais processos se deram, não sendo possível afirmar com exatidão as datas das ações que o compõem através das informações que tivemos acesso. Logo abaixo, estão representados os atores humanos e não humanos distinguidos por cores diversas. Por fim, ao lado, os mediadores estão distribuídos de acordo com o nível de relevância de cada um de acordo com as seguintes mediações (*Figura 8*):

Figura 8: Mediações entre atores.

Movimentos de Agregação 1 Movimento de Cristalização (esferas em amarelo) [MC-1]: Representa a estagnação da atividade agrícola e da prestação de serviços. 1 Polo Atrator (esferas em azul) [AT-1]: Representa o fortalecimento da prática do artesanato.	Vínculos de nível alto “Integrante 1” – “Integrante 2” “Integrante 2” – “Integrante 3”
Vínculos de nível altíssimo “Integrante 1” – Madeira “Integrante 3” – “Integrante 4” – “Integrante 5” – “Outras Artesãs Percursoras” – Palha de bananeira “Integrante 3” – “Integrante 4” – “Integrante 5” – “Outras Artesãs Percursoras” – Outros Materiais	Vínculos de nível médio “Integrante 2” – “Integrante 3” – “Integrante 4” – “Integrante 5” – “Outras Artesãs Percursoras”
	Vínculos de nível baixo “Integrante 1” – Igreja Católica “Integrante 1” – “Integrante 3” – “Integrante 4” – “Integrante 5” – “Outras Artesãs Percursoras” Igreja Católica – “Integrante 3” Igreja Católica – “Integrante 3” – “Integrante 4” – “Integrante 5” – “Outras Artesãs Percursoras”

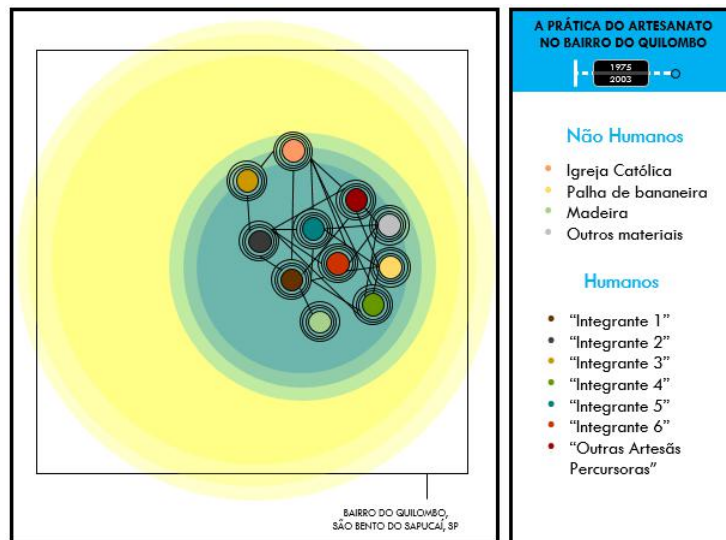
Fonte: Autoria própria (2021).

Os vínculos acima representam a atuação dos atores na rede sendo, porém, a soma e o resultado de suas ações determinantes para compor a atividade artesanal no bairro do Quilombo, variando apenas quanto a intensidade de agenciamento – quanto mais baixo, menor o grau de dependência. Os vínculos de altíssimo nível representam, por exemplo, a união dos atores de maneira que suas ações não podem ser separadas, ou seja, se um ator for retirado da rede, a presença do outro ator perde completamente o sentido. Se retirarmos, por exemplo, o “Integrante 1”, o ator “Madeira” torna-se, automaticamente, desprovido de sentido na composição da rede, ou seja, a permanência de um, depende da permanência do outro.

Se tomarmos como exemplo a relação entre o “Integrante 1” e “Integrante 2”, percebemos que ambos atuam de forma autônoma na rede, porém, a soma e o resultado de suas ações são determinantes para compor a atividade artesanal no bairro do Quilombo. No mapa abaixo, as ligações entre os atores estão representados por níveis de associação – quanto mais próximo do núcleo, maior a intensidade do vínculo.

Assim, os vínculos contidos no Polo Atrator 1 [AT-1] demonstram as ações de uns mediadores sobre os outros, de modo a constituir a rede de relações atuante para a composição da prática do artesanato no bairro do Quilombo, ilustrado através do mapa abaixo:

Figura 9: Mapa de afetações entre atores humanos e não humanos.

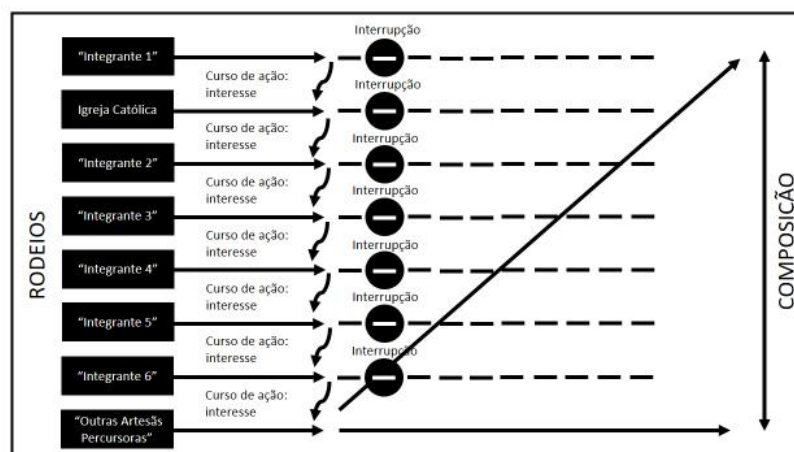


Fonte: Adaptado de Lima (2016).

3.2.3 Apresentado relatos de risco através das questões de fato vs questões de interesse: o turismo e o artesanato no bairro do Quilombo

Ao demonstrarmos as atuações dos atores humanos e não humanos através do mapa acima, damos seguimento as últimas fontes de incerteza elaboradas por Latour (2012). Assim, o esquema de composição abaixo (*Figura 10*) demonstra o curso das ações dos mediadores, que pautadas por questões de interesse, dão origem as questões de fato que compõem a prática do artesanato no bairro do Quilombo nos anos anteriores a formalização da associação de artesãos e da construção do espaço onde o artesanato produzido é comercializado.

Figura 10: Esquema de composição da prática do artesanato no bairro do Quilombo.



Fonte: Adaptado de Latour (2016).

A imagem acima nos direciona, portanto, a última fonte de incerteza exposta por Latour (2012), pois contém os traços de ações de uns atores agindo sobre os outros. Através dela é possível verificar as mudanças de direção nos cursos de ação dos mediadores, que são interrompidas para se somarem a um outro agente em movimento e compõem a rede de interações. Diante da apresentação do esquema acima, acredita-se ter cumprido, segundo a proposta de Latour (2012), todos os passos necessários no sentido de reagregar o social.

3.3 Reagregando o social: o artesanato e a complexidade social do bairro do Quilombo de São Bento do Sapucaí

Conforme observa Latour (2012), para que o social possa ser *reagregado*, é necessário identificar o maior número possível de conexões para se atingir o âmago da realidade social, sendo apenas através de conexões com o exterior – ou o macro – que será possível perceber como o interior – ou o micro – está sendo mobilizado. “*Nenhum lugar predomina o bastante para ser global, nem é suficientemente autônomo para ser local*” (Latour, 2012, p. 294).

É a partir disso que conclui-se que o micro – ou o local – é composto de uma enorme quantidade de dimensões que sustentam o macro – ou o global – ao mesmo tempo em que o macro pode a qualquer instante mergulhar novamente no micro.

Isso pode ser observado a partir do diagrama de complexidade a seguir (Figura 11), que representa a junção dos diagramas de complexidade responsáveis pela formação dos Polos Atratores tanto no âmbito global (na cidade de São Bento do Sapucaí), quanto no âmbito local (no bairro do Quilombo). Nele, estão contidas as dimensões que são responsáveis pela composição da prática do artesanato no bairro do Quilombo, que se expande ao município de São Bento do Sapucaí, no diagrama denominadas, por exemplo, de “Religião”, “Tradição”, “Vida Religiosa”, “História”, “Desenvolvimento Sustentável”, etc. conforme pode ser observado abaixo.

Figura 11: A complexidade reagregada entre as dimensões “Artesanato” e “Turismo” no bairro do Quilombo de São Bento do Sapucaí

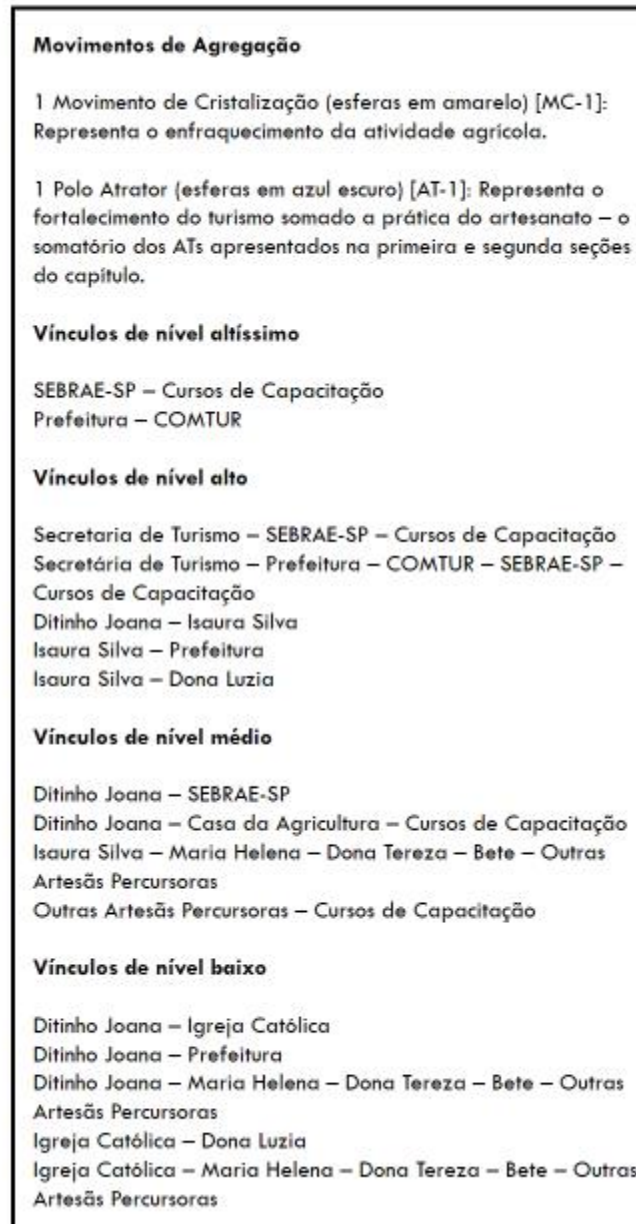


Fonte: Autoria própria (2021).

Assim, ligar locais revelados pelos dois movimentos anteriores significa a prática dos dois gestos anteriores (global e local) abordados de forma conjunta. Nesse sentido, Latour (2012, p. 327) utiliza o conceito de hibridismo para revelar mediadores que se expandem localmente por toda parte, ultrapassando tanto o local quanto o universal, ou seja, atores que interferem em cursos de ação no contexto micro e macro. Esses conectores seriam, portanto, os agentes capazes de permitir que alguma coisa seja transportada de um lugar para o outro (do local ao global, do micro ao macro), caracterizando-se como os tipos mais importantes de tradução, capazes de possibilitar ao seguidor da TAR reagregar novamente o social. Desta forma, o senso de existência no mesmo coletivo pode também ser definido como o social reagregado, a partir da atuação de mediadores (ou conectores) híbridos que atuam tanto no âmbito local quanto global. Isso fica claro a partir das atuações dos atores “Integrante

1”, “Integrante 2”, “Prefeitura”, “SEBRAE-SP” e “Casa da Agricultura”, conforme pode ser observado através do “Mapa Oligóptico 3” (Figura 13), que representa a junção dos *Mapas Oligópticos* 1 e 2. Tais atores interferem em cursos de ação de outros atores tanto no contexto local quanto global. A imagem a seguir (Figura 12) apresenta todas as conexões entre mediadores, tanto no contexto micro e macro quanto entre ambos.

Figura 12: Mediações “Mapa Oligóptico 3”.



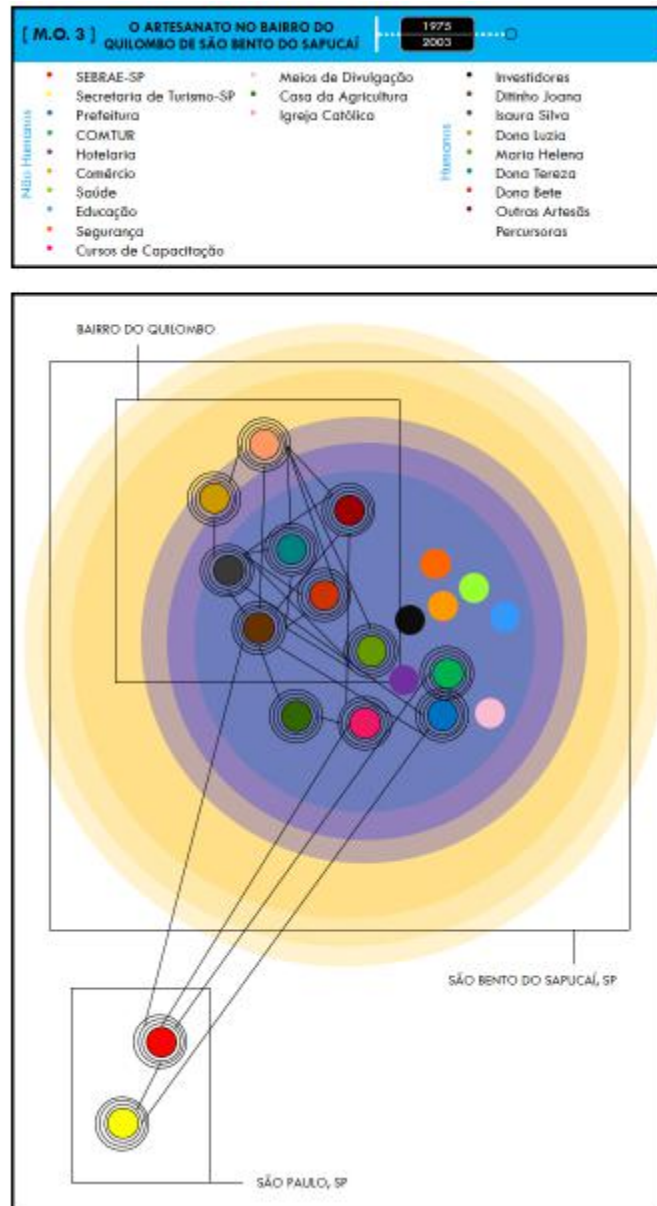
Fonte: Autoria própria (2021).

Os vínculos acima representam o nível de relevância das conexões entre os atores na rede, sendo a soma e o resultado de suas ações determinantes para compor a atividade artesanal no bairro do Quilombo. Vale ressaltar que o Polo Atrator [AT-1] representado na imagem acima se encontra na cor azul escuro (que se sobrepõe ao amarelo torna-se roxo) por representar o somatório dos Polos Atratores representados nos contextos local e global.

Assim, os vínculos contidos no Polo Atrator 1 [AT-1] demonstram as ações de uns mediadores sobre os outros, que se expandem do contexto micro ao macro, de modo a constituir a rede de relações atuante para a composição da prática do artesanato

no bairro do Quilombo, ilustrado através do “Mapa Oligóptico 3” (Figura 13) a seguir:

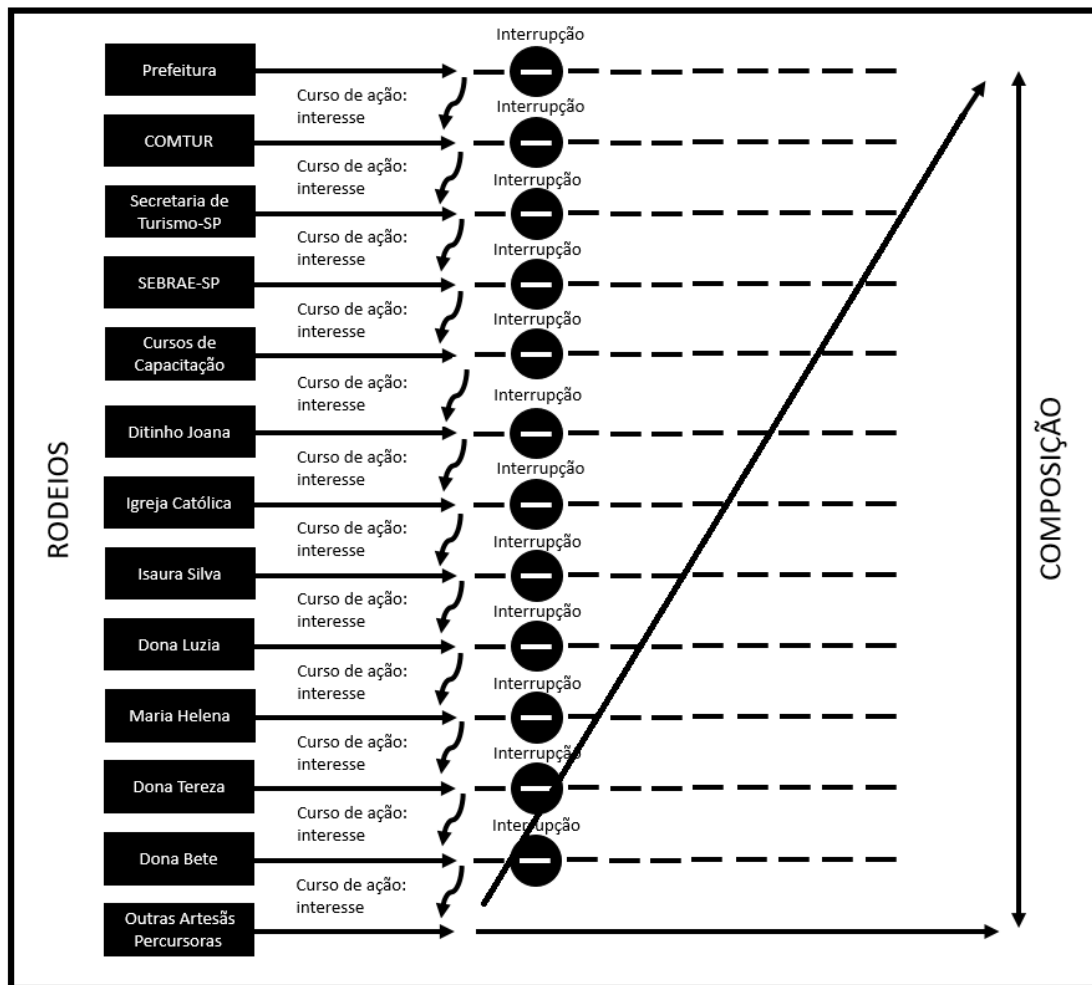
Figura 13: “Mapa Oligóptico 3”.



Fonte: Autoria própria (2021).

O esquema de composição a seguir (Figura 14) demonstra o curso das ações dos mediadores, que pautadas por questões de interesse, dão origem as questões de fato que compõem a prática do artesanato no bairro do Quilombo de São Bento do Sapucaí nos anos anteriores a construção do ateliê “Arte no Quilombo”.

Figura 14: Esquema de composição reagregado “Turismo e Artesanato” do bairro do Quilombo de São Bento do Sapucaí.



Fonte: Adaptado de Latour (2016).

Através da apresentação do esquema de composição acima acreditamos ter cumprido todas as etapas sugeridas por Latour (2012) para que o social possa ser *reagregado*. Conforme relatado, tal abordagem absorveu o período entre 1975 e 2003, data dos primeiros relatos a que tivemos acesso sobre a intensificação do processo pró turismo na cidade de São Bento do Sapucaí e da criação do ateliê “Arte no Quilombo”, respectivamente. Os dados apresentados neste artigo, portanto, são parte de um projeto de pesquisa que engloba os anos anteriores a constituição da associação até a forma como estão organizados nos dias atuais.

4. Considerações Finais

Através das informações que tivemos acesso junto aos moradores do bairro do Quilombo e através de outros trabalhos realizados sobre a localidade, assim como de reportagens de jornais da região, foi possível compreender de forma parcial como se deram os processos sociotécnicos de composição da associação de artesãos do bairro do Quilombo, no que tange as relações de interesses e intencionalidades, o que permitiu atingir de forma parcial o objetivo estabelecido neste artigo.

A partir do objetivo proposto, foi possível reconhecer a complexidade e a multidimensionalidade presente na composição da associação de artesãos, sendo esta constituída de interesses, intencionalidades e influências diversas que se sobrepõem de modo a compor a realidade social. Nesse campo complexo e instável, foi possível compreender que o artesanato, hoje produzido majoritariamente a partir da palha e da fibra de bananeira, assim como as técnicas e tecnologias desenvolvidas para tal, se hoje se encontram em processo de estabilização, são fruto de uma composição vasta, constituída de interesses e

intencionalidades diversos, assim como de materiais e técnicas múltiplas, que se sobrepuseram até que compusessem a prática do artesanato no bairro do Quilombo de forma estável, tornando-o, com o passar dos anos, um elemento característico do local.

Quanto a expectativa de revelar papéis e possibilidades de mudanças sociais a partir da experiência popular artesã, através das sociabilidades estabelecidas pelos atores, considera-se que a associação contenha em sua composição elementos que possam apontar caminhos alternativos as perspectivas de desenvolvimento, quando este é pensado para além das diretrizes meramente econômicas. Contudo, não é possível estabelecer com clareza tais características, assim como seria controverso pensar sua generalização a outras realidades, devida as peculiaridades da realidade local.

Como sugestão à trabalhos futuros que se proponham tratar da relação entre desenvolvimento e tecnologias, mostra-se pertinente considerar a realidade sociotécnica apresentada a partir de outras abordagens teóricas. Além disso, o modelo de Cartografia de Controvérsias utilizado apresenta-se flexível, de modo que outras formas de aplicação seriam pertinentes ao seu próprio desenvolvimento. De modo geral, trabalhos que estejam orientados para uma abordagem sociotécnica sobre realidades que possivelmente apresentam elementos alternativos às diretrizes hegemônicas de desenvolvimento são pertinentes do ponto de vista deste trabalho, visto que contribuiriam para consolidação do campo de pesquisa assim como abriria espaço para pesquisas futuras sobre a temática em questão.

Ressalta-se que, apesar de esta pesquisa ter cumprido de forma parcial o objetivo a que se propôs, entende-se não ter sido possível captar toda a realidade, realizando-se apenas um recorte desta. Desta forma, outras pesquisas sobre o local seriam pertinentes para melhor compreendê-lo. Vale ressaltar que o presente trabalho nos remete a importância de estudos que busquem compreender a composição de técnicas e tecnologias como processos sócio-históricos, dando destaque aos elementos culturais presentes no desenvolvimento de técnicas e tecnologias.

Referências

- Aboim, S. (2012). Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 95-117.
- Campelo, Á. (2000). O autêntico e o banal: como descrever a experiência turística? *Antropológicas*, 4, 205-215.
- Donaire, J. A. (1998). La geografía del turismo después del fordismo: turistas en las fábricas, turistas en los centros comerciales. *Sociedade e Território*, 28, 55-68.
- Freitas, P. M. A. (2018). *Como se alimentar de controvérsias: rastreando conexões pela perspectiva do design e artesanato de São Bento do Sapucaí - SP*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, MG, Brasil.
- Fortes, M. E. P. (2004). *Arte e festa no quilombo: processo de construção turística de um bairro rural da Mantiqueira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Kamel, J. A. N. (2007). *Artesão da minha própria felicidade: para uma engenharia de produção substantiva*. E-PAPERS.
- Latour, B. & Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a construção dos fatos científicos*. Relume-Dumará.
- Latour, B. & Venturini, T. (2010). The social fabric: digital traces and quali-quantitative methods. *Proceedings of Future En Seine*, 2009, 87-101. Editions Future en Seine.
- Latour, B. (2012) *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Edusc.
- Latour, B. (2016). *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Editora 34.
- Lima, D. S. L. (2016). *Entre atos, rastros e marcas: Cartografias e Controvérsias sobre Design e Artesanato*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, MG, Brasil.
- Morin, E. (2005a). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução Eliane Lisboa. Ed. Sulina.
- Morin, E. (2005b). *Ciência com Consciência*. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor. (8a ed.), Bertrand Brasil.
- Rodela, L. [et al.]. (2015). São Bento do Sapucaí, SP: o artesanato como elemento integrador no desenvolvimento comunitário. *Revista Da Micro E Pequena Empresa*, 9(2), 74-88.
- Teixeira, D. V. (2010). Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. *Revista Direito Gv*, 6(1), 253-274.

Urry, J. (1999). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Studio Nobel, SESC.

Venturini, T. (2010a). Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, 19(3), 258-273.

Venturini, T. (2010b). Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, 21(7), 796-812.

Venturini, T. [et al.]. (2015). Designing Controversies and Their Publics. *Design Issues*, 31(3), 74-87.

Yúdice, G. (2006). *A conveniência da cultura: os usos da cultura na era global*. Editora UFMG.